

O CORPO E A CIDADE. AS INTERVENÇÕES SOBRE A CLASSE POPULAR NO IMEDIATO PÓS-GUERRA DO PARAGUAI.

FERNANDO LÓRIS ORTOLAN*

RESUMO: As ruas da Capital paraguaia, ao final da Guerra do Paraguai, apresentavam problemas com a promiscuidade, saúde, higiene e outras perturbações, exigindo um esforço maior dos governos do pós-Guerra. A reorganização e higienização de Assunção fizeram com que o Estado atuasse junto à população pobre, combatendo a prostituição, os escândalos que afetavam a moral pública e a implantação de doutrinas voltadas, em especial, para a disciplina no trabalho. A *regeneración* paraguaia atingia todos os setores da sociedade: para a elite, o princípio de modernidade era o objetivo a ser alcançado; para a classe pobre era preciso inicialmente reduzir os níveis de pobreza e de imoralidade para quem sabe atingir níveis de um país civilizado e desenvolvido.

PALAVRAS CHAVES: Guerra do Paraguai, mulheres paraguaias, relações de gênero, moralidade.

ABSTRACT: The streets of Paraguay's capital, at the end of the Paraguayan War, had problems with promiscuity, health, hygiene and other disorders requiring a greater effort of post-war governments. The reorganization and cleaning of Assumption made that the State acted with the poor, combating prostitution scandals affecting public morals and deployment of doctrines aimed, in particular, for discipline at work. The paraguayian *regeneration* reached all sectors of society: the elite, the principle of modernity was the objective to be achieved; for the poor class had to initially reduce levels of poverty and immorality to maybe reach levels of a civilized and developed country.

KEYWORDS: War of Paraguay, paraguayian women, gender relations, morality.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Câmpus Criciúma.

Nos escombros da Guerra

A Guerra do Paraguai, por sua prolongada duração, emprego de grande parte da população paraguaia no conflito e a desigualdade de recursos entre os envolvidos, implicou uma dura derrota aos paraguaios, com agudas sequelas em suas estruturas sociais. A morte de grande parte da população no conflito, a destruição de seus recursos produtivos e a desestruturação social e política estiveram entre as consequências mais trágicas para a Nação paraguaia.

O conflito constitui-se numa experiência de guerra total, coletiva, moderna e nacional. Assim como a Guerra Civil Americana, a Guerra do Paraguai implicou um esforço conjunto das principais sociedades protagonistas do conflito. Máquinas administrativas bélicas, direta ou indiretamente sob controle do Estado, foram montadas para apoiar a ação militar de exércitos baseados no recrutamento universal para alimentar o esforço de guerra que visava à destruição completa do adversário.¹

Com relação ao papel das mulheres paraguaias que atuaram na Guerra, atuando efetivamente na retaguarda e nas campanhas militares, é preciso destacar dois momentos. Durante a primeira etapa, que corresponde ao período da Guerra formal que iniciou em 1864, até a evacuação de Assunção em fevereiro de 1868, as mulheres paraguaias foram as principais fornecedoras de suprimentos para a Guerra. Num segundo momento, que corresponde à Guerra direta entre as forças, que começa com a queda de Assunção nas mãos dos Aliados e termina com a morte de Solano López em Cerro Cora, em 1º de março de 1870, as mulheres se incluem nas baixas e entre as vítimas da Guerra.

É necessário, ao mesmo tempo, entender a atuação dos diferentes estratos sociais femininos, buscando, ainda, observá-las em seus “contextos diferenciados” de atuação. Diversas razões, algumas reais e outras imaginárias, fizeram com que o Presidente López, ao mesmo tempo em que deslocava suas tropas para o norte do país, fugindo do avanço dos Aliados, se transformasse

1 SALLES, Ricardo. Memórias de Guerra: Guerra do Paraguai e narrativa nacional. In: *História*. São Paulo, n. 16, 1997. pp. 134-135.

num verdadeiro caçador de “traidores”. Nesta retirada, muitas mulheres se viam condenadas à fuga: de um lado, as *traidoras*, parentes de réus políticos, integrantes da elite paraguaia, castigadas pelas faltas cometidas por seus familiares, amigos ou mesmo conhecidos. De outro lado, as que não foram fuziladas, depois de terem passado por todo o tipo de vexames e torturas transformaram-se em *destinadas* e foram enviadas ao norte do país, onde se instalou um “campo de concentração” para elas.²

Também apresentadas como vítimas das atrocidades de López, encontramos as *residentas*, em sua maioria mulheres da classe baixa, que buscaram, de todas as formas, garantir sua sobrevivência num país que estava sendo sistematicamente devastado pela Guerra. As *residentas* foram as mulheres que acompanharam o Exército Paraguai em Guerra. Na historiografia oficial paraguaia, que durante décadas ditou a vertente ideológica no Paraguai, prevalecem representações de uma mulher patriota e obediente à causa paraguaia.³

Muitas mulheres, de forma voluntária, participaram da luta contra os Aliados. Outras tantas, especialmente as mulheres da classe baixa, não tinham opção e se encontravam no meio de uma batalha, restando a elas participar das campanhas militares. Durante o período da Guerra, as demonstrações de solidariedade com os soldados nos campos de batalha se devem às pressões realizadas pelo Estado; era necessário convencê-las e certificar-se do seu apoio em caso de necessidade, pois em determinadas situações e estágios da Guerra as mulheres foram a alternativa de defesa do país.

Os jornais paraguaios da época se tornaram um termômetro

2 As *destinadas* foram, inicialmente, enviadas para Yhú, entre janeiro e maio de 1869, permanecendo em razoáveis condições até o mês de agosto, quando Curuguaty foi declarada a Capital da República, e Yhú se tornou um ponto de passagem para as tropas que iam até Curuguaty. Depois de marchar até Caraguaty, seguiam em marchas forçadas até Igatimi e, por último, até Espadín, onde foram libertadas pelas tropas brasileiras. ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Residentas, destinadas e traidoras**. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991. pp. 16-17.

3 O culto à *residenta*, considerada a heroína que acompanhou pacientemente o homem em muitos momentos da Guerra, é parte de uma idealização romântica presente nos estudos da Guerra do Paraguai. Ao abandonar suas casas e deslocar-se para os povoados do interior, eram “obrigadas” a trabalhar em pequenas plantações.

da opinião pública a respeito da Guerra. Neste período os órgãos de imprensa estavam vinculados ao Estado, de tal modo que toda divulgação visava a manipular e controlar determinados segmentos sociais, conseguindo apoio em todos os níveis. Além de divulgar atos de heroísmo por parte de suas mulheres e exaltar a figura do Marechal López, a imprensa encarregava-se de difundir uma série de insultos sobre e contra os Aliados, expressando um forte desprezo pelo inimigo.

Os jornais enfatizavam o heroísmo paraguaio com acentuado exagero, transformando simples atos em feitos heroicos. As imagens e informações veiculadas a respeito das mulheres procuravam representá-las como “guerreiras espartanas”, que deveriam ser observadas como exemplo para toda a sociedade, como motivação e difusão patriótica. Toda essa ação das mulheres, ou seja, a politização daquilo que era desempenhado por elas - de forma voluntária, por algumas, ou obrigada, por outras - foi reconhecida por Solano López. É necessário entender o quanto ele necessitava do seu apoio e o quanto significava este trabalho. Não restam dúvidas de que a mulher ficava sobrecarregada, assumindo outras atividades, o que significava mais obrigações, sendo muito bem apresentado pelo discurso da imprensa no período da Guerra.

A evacuação de Assunção coube às mulheres, tanto às *Kyguá veras*⁴ quanto às representantes das famílias ricas, por razões e caminhos distintos, cada qual da sua maneira. Se isso tinha consequências negativas para o inimigo, teria também para as populações civis, já que muitos morriam de fome pela privação nas evacuações forçadas. Do mesmo modo, ao abandonarem seus lares e bens à mercê do invasor, as mulheres estavam conscientes de que depois da Guerra ficaria difícil recuperá-los. Essa marcha que durou, aproximadamente, dois anos, expôs as mulheres às mesmas penúrias que os soldados.

Depois de Caacupê, Peribebeú e demais povoados próximos terem caído nas mãos dos Aliados, as famílias paraguaias ou

4 *Kyguá verá*, para muitos considerada uma prostituta, para outros, um modelo de mulher do povo. A *Kyguá verá* ou “*las peinetas de oro*” usavam pentes dourados em suas longas cabeleiras negras, um adorno característico das mulheres paraguaias em dias de festas ou nos bailes que ocorriam no Paraguai.

estrangeiras, crianças, velhos e mulheres, tanto as *destinadas* como as *residentas*, se misturaram em meio aos mortos. Embora fossem divididas em duas categorias distintas - *as residentes* e *as destinadas* - em muitos momentos as trajetórias desses dois grupos se tocavam, compartilhando sofrimentos, tentando sobreviver e buscando um espaço num país assolado pela Guerra. De maneiras diversas, as mulheres paraguaias sofreram as consequências diretas da Guerra. Além do grande número de mulheres que morreram em consequência de combates, muitas perderam seus maridos e filhos, aumentando, deste modo, o número de mulheres chefes de famílias. Do final da Guerra até início do século XX o Paraguai era conhecido como um “país de mulheres”.⁵

Com o final da Guerra do Paraguai, a Capital em ruínas era a prova mais evidente da devastação. De acordo com os relatos dos viajantes e as publicações da imprensa da época, a miséria era espantosa e pior em localidades mais distantes de Assunção. Depois da tomada de Assunção iniciou-se uma “verdadeira caravana” de paraguaios sobreviventes, em sua maioria mulheres e filhos que tentavam chegar à Capital. Muitas *residentas* haviam se dirigido ao norte do país junto com o Exército e a grande maioria delas se pôs no caminho de volta depois da tomada de Peribeubí.

Mulheres e crianças lutavam pela sobrevivência e aglomeravam-se diariamente em frente aos centros de abastecimento e dos restaurantes, mendigando pelos restos de comida dos soldados. Hector Francisco Decoud descreveu essa situação da seguinte maneira:

La mortandad de aquellas infelices se tornó alarmante. No bajaba de 6 y más por día, y lo peor era, que morían en las calles, en los corredores exteriores de las casas, templos, oficinas públicas, en donde se las encontraban casi desnudas: unas porque realmente no tenían ropa, y otras, por que los soldados brasileños, antes de morir, las despojaban de todo lo que tenían. Muchas sucumbían también en las casas de los particulares y los ocupantes las enterraban en sus patios, considerando

5 POTTHAST, Barbara. Hogares dirigidos por mujeres e hijos naturales. Familia y estructuras domésticas en el Paraguay del siglo XIX. In: Cicerchia, Ricardo. **Formas familiares, procesos históricos y cambio social en América Latina**. Quito: Abya - Yala, 1998. pp. 131-132.

el procedimiento más expeditivo.⁶

Antes de registrar sua entrada em Assunção, Dionísio Cerqueira descreveu impressionado a situação das mulheres que pelo caminho: “*esfaqueavam uma vaca mais magra das do sonho do Faraó, quase sem pelo, coberta de lazeira, berrando de angustia com a língua grande pendida arroxçada e escorrendo baba espessa; e aparavam o sangue com as suas mãos ou em cuias e o bebiam e davam aos filhos esqueléticos, que o sugavam também nas feridas. Era a miséria feroz*”.⁷ Pelas informações não é difícil entender as formas usadas pela população esfarrapada e faminta para saciar a fome.

As guerras afetam as vidas das populações civis, destruindo-lhes terras e lares, recrutando maridos, pais e filhos. Após a guerra, mulheres e crianças, constituem-se nos grupos mais vulneráveis e, normalmente, com idosos de ambos os sexos, a maior parte da população. No caso paraguaio, a Guerra traduziu-se num fator de miséria para quase a totalidade da população, que perdeu seus bens, incluindo as terras para o cultivo e, conseqüentemente, o seu meio de subsistência.

Senhoras da elite e as *Kygua veras*. Uma perspectiva de classe e gênero

Enquanto no nordeste do país se desenvolvia o último ato da tragédia paraguaia, na já ocupada Assunção se iniciava a reconstrução do Paraguai do pós-Guerra. Era início de janeiro de 1869, as tropas brasileiras ocupavam a cidade, enquanto os argentinos estabeleciam o seu Quartel General em *Villa Occidental*, no lado oeste do rio Paraguai. Ao ser ocupada, Assunção foi submetida a uma pilhagem quase que total, sobretudo pelos brasileiros; tornou-se um centro de comércio, com cerca de duas mil casas de negócio e a maioria da população compreendia

6 DECOUD, Héctor Francisco. **Sobre los escombros de la guerra**. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: S/Editora., 1925. p. 254.

7 CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865-70**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1980. p. 322.

mulheres que haviam acompanhado as tropas e seguiam em direção à Capital.⁸

Nesse contexto, o espaço urbano necessitava de reformas que promovessem transformações tanto na esfera pública quanto na esfera privada, ao par de uma ampla reformulação dos costumes das pessoas, especialmente daquelas mais pobres e mais duramente afetadas pela Guerra. Corpos, residências, serviços e ruas colocaram-se sob o olhar da imprensa para transformar a Capital, requisito fundamental para a implantação e consolidação de uma sociedade nos moldes modernos e comprometida com o projeto liberal proposto pelos governos do pós-Guerra. Nesse enquadramento, a moral e a higiene tiveram papel fundamental, já que o progresso e a modernização eram incompatíveis com a realidade apresentada.

Para as mulheres do povo, as *Kygua veras*, a situação era bem mais difícil; despojadas de seus poucos bens e sem ter com quem contar, ainda se viam na situação de serem proibidas de retomar suas vidas pelos padrões de sua cultura – a guarani-paraguaia – que a nova ordem liberal queria fazer desaparecer junto com os milhares de soldados mortos na Guerra.⁹ No pós-Guerra, com acréscimo do pensamento liberal, o guarani passava a ser visto de novo como um problema para o desenvolvimento do Paraguai moderno; o castelhano representava a civilização e a modernidade, e o guarani a barbárie e o atraso, conseqüentemente identificado com Solano López.¹⁰

Para as mulheres da elite a situação era bem diferente. No processo de reconstrução a mulher da elite tornou-se o modelo feminino idealizado para controlar as condutas das mulheres das

8 MELLO, Francisco Ignácio Homem de. Viagem ao Paraguai. In: **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasi**, v. 36, 1873. p. 31.

9 Para muitas dessas mulheres, a interdição do guarani significava cortar laços que ainda restavam com uma cultura que o colonizador espanhol, as missões jesuíticas, e tampouco as políticas de uniformização do ditador Francia (1814-1840) e de Carlos Antonio López (1844-1862) conseguiram interditar.

10 No princípio do século XX, devido à grande presença de estrangeiros no país, a língua guarani sofreu uma forma de estigmatização associada à “*principal causa do atraso geral do país*” e em oposição ao idioma espanhol, “*sinônimo de civilização e de cultura*”. MELIÁ, Bartomeu. **La lengua guarani del Paraguay**. Madri: MAPFRE, 1992. pp. 169-172.

camadas mais baixas da população, procurando incorporar e demonstrar determinados valores e comportamentos adaptáveis a um novo modelo de sociedade almejado pelas elites governantes. Nessa conjuntura, tanto a imprensa quanto o Estado defendiam que a moral burguesa era a chave para civilizar e reorganizar a sociedade, de modo que as mulheres do povo passaram a ser o “alvo” de um discurso moralizador e disciplinador no período do pós-Guerra.

A classe política dirigente paraguaia, cujos representantes eram vinculados ao *Gran Club del Pueblo* e ao *Club del Pueblo*, correntes que se converteram respectivamente no *Partido Liberal* e no *Partido Colorado*, pretendia reestruturar a Capital paraguaia, moldando o espaço público de acordo com a nova ordem liberal. Os discursos e ideais difundidos pela imprensa visavam a uma aproximação com a cultura europeia e eram notáveis nas posturas e atitudes desenvolvidas a partir de uma gama de relações, hábitos e valores civilizadores. Protegidas pelo seu *status* social, as mulheres da elite foram protagonistas dos novos hábitos domésticos e sociais, preocupadas em desempenhar bem seu papel familiar e engajar-se, especialmente, em campanhas assistenciais junto às Sociedades de Beneficência da época.

O conceito de gênero tem contribuído para demonstrar que não são as características sexuais ou biologicamente sexuadas que determinam o que é feminino ou masculino, mas a forma como elas são valorizadas ou representadas, o que pode variar no tempo e em diferentes sociedades. A partir desta perspectiva, procuramos entender como a mulher foi representada e qual modelo deveria se propagar pela sociedade.

Ao mesmo tempo percebemos o gênero não como uma propriedade dos corpos nem como algo existente *a priori* nos seres humanos, mas como o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais, processo este que se dá mediante o desdobramento de uma complexa tecnologia política. Esta inclui representações veiculadas, disseminadas e incorporadas graças às interpelações dos diversos discursos, da imprensa, dos códigos, das práticas institucionalizadas e da vida cotidiana.

Para Teresa de Lauretis, o gênero é a representação de uma relação, a de pertencer a uma classe, a um grupo, a uma categoria e, por conseguinte, permite ao indivíduo situar-se dentro e diante de outras classes, outros grupos, outras categorias constituídas. Deste modo, o gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social.¹¹ As concepções de masculino e feminino, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam em cada cultura um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Assim,

embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade. Sob essa ótica, a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através de diferentes culturas são entendidas como sendo sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social.¹²

Em situações de guerra as fronteiras de gênero sofrem alterações significativas. Segundo Luc Capdevila, as guerras transformam os papéis e as fronteiras de gênero. Ao avaliar essas questões - na Primeira e na Segunda Guerra Mundiais - Capdevila afirma que ocorreu uma espécie de aproximação horizontal nas funções dos homens e das mulheres e, também, no que diz respeito à hierarquia, porque os homens perderam uma parte de sua autoridade sobre as mulheres, na medida em que não estavam presentes, e as mulheres tinham de se virar sozinhas, adquirindo, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, uma autonomia financeira com o desenvolvimento do trabalho assalariado.¹³ Para Capdevila, a guerra fortalece a identidade viril masculina e a ocupação doméstica feminina, porém permite para

11 LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 210.

12 **Idem**. pp. 211-212.

13 CAPDEVILA, Luc. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.13, n.1, 2005. pp. 81-102.

as mulheres uma maior presença no espaço público, considerando o conflito bélico uma complexa situação que contribuiu para a produção de relações de gênero mais igualitárias.

Françoise Thébaut nos mostra como as nações em guerra reforçam identidades de gênero e após seu término as crises demográficas dão ensejo a toda uma simbologia de enaltecimento da maternidade. Para a historiadora, as guerras, em regra, não propiciam a emancipação feminina. Nas guerras as mulheres vivem sozinhas e cuidam de si próprias e do grupo familiar, voltando a instaurar, durante certo tempo, *“uma linha divisória entre o masculino e o feminino, e ressuscita os antigos mitos viris: os homens são feitos para combater e conquistar, as mulheres para dar a luz e cuidar dos filhos”*.¹⁴ O final da Primeira Guerra Mundial teria reforçado a identidade masculina em crise nas vésperas do conflito e ajustado as mulheres ao seu lugar de mães prolíficas, de donas de casa e de esposas submissas. Deste modo, a Primeira Guerra *“mostrará quão frágeis foram as suas conquistas, quão conservadora é a guerra em matéria de relações entre os sexos e até que ponto se pôde fazer regressar as mulheres ao lar e às tarefas de seu sexo”*.¹⁵

As alterações que ocorrem temporariamente nas relações de gênero provocam uma desestabilização na sociedade. Devido à desorganização, tanto social quanto econômica, o esforço de guerra necessita do trabalho feminino. Nesses eventos, a mulher assume novas responsabilidades, sobretudo mantendo a família, além de se acostumar a administrar sozinha o lar e a tomar decisões por conta própria. Ao mesmo tempo, ao findar as guerras, a mulher também é vítima do conflito: ofender a identidade étnica ou religiosa do vencido está entre as bandeiras do vencedor; a violação sexual e a prostituição forçada estão entre os atos de violência mais comuns nos conflitos armados, um instrumento de dominação por sua condição de gênero.

Como em outros conflitos, na Guerra do Paraguai, assim como no pós-Guerra, as relações de gênero foram flexibilizadas e não

14 THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. O triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente (O século XX)**. Vol. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995. p. 85.

15 *Idem*. p. 31.

estiveram pautadas somente pelo espaço privado, mas pelo cenário político do conflito, pois de alguma maneira a Guerra politizou as relações de gênero. Os espaços tradicionais dissolveram-se e o Estado necessitou tanto dos homens quanto das mulheres. A flexibilidade nos papéis de gênero foi alterada temporariamente e as mulheres foram valorizadas como provedoras da Guerra; após os conflitos, em nome da reconstrução nacional, restou o regresso ao lar e o desempenho das tarefas tradicionalmente consideradas femininas.

No processo de reconstrução do pós-Guerra, a mulher da elite foi o modelo feminino idealizado. As atitudes e costumes são moldados, em geral, de cima para baixo. Ou seja, primeiramente se molda o comportamento das elites culturais ou econômicas, e depois este comportamento é estendido às classes populares. Favorecidas pelo *status* social, o modelo pretendido pelas elites deveria refletir nas condutas das mulheres das camadas mais baixas da população, procurando demonstrar determinados valores e comportamentos adaptáveis ao novo modelo de sociedade almejado pela elite. Desse modo, a imprensa paraguaia procurou disciplinar suas mentes e corpos, influenciando diretamente no comportamento e padronizando a formação das famílias e sua adequação às atuais regras e normas vigentes.¹⁶

O corpo e a cidade

Em Assunção, após a Guerra, a imprensa apresentava uma crescente preocupação com a moralidade da população. Os discursos reguladores foram capazes de transformar e rearticular

16 Antes de tudo, é preciso entender o que significa “ser civilizado” na sociedade paraguaia da época, atentando para as relações que presidem as significações inscritas nessa construção. Historicizar esses movimentos, a partir da leitura do gênero, implica atentar para a dimensão sexual que habita os comportamentos sociais, a conduta cotidiana de homens e mulheres, já que é parte constitutiva da subjetividade de cada indivíduo. MUNIZ, Diva Cuto Gontijo. Gênero e educação: corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generizadas. **História e Memória da Educação Brasileira**. Natal: UEPB, 2002. pp. 1-2. Disponível na Internet em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0519.pdf>, Acesso realizado em 18 de setembro de 2009. Ver também: ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 95.

as ideias de sexualidade e de identidade de gênero que recaíam no campo da moral. Neste contexto, o corpo passou a ser o alvo no discurso médico, sanitarista e pedagógico, regulado numa rede discursiva de preceitos moralizadores, higienizadores e civilizadores. Deste modo, os discursos eram dispositivos de poder, definindo de acordo com o sexo as posições sociais que os sujeitos ocupavam na sociedade.¹⁷ Os corpos transformavam-se em agente de demarcação das diferenças sexuais e de gênero, servindo como receptáculo que deveriam nortear as aparências, gestos, comportamentos e atitudes.

Para entender essas questões, bem como as políticas disciplinadoras do governo, é necessário visualizar a sociedade no imediato pós-Guerra.¹⁸ A redefinição da identidade social feminina apresentava alguns obstáculos rumo ao progresso e à civilização. Como construir uma sociedade nos moldes civilizados, sabendo que grande parte da população passava fome, em uma sociedade onde a cultura guarani estava fortemente enraizada? Esses temas foram constantemente reforçados pela imprensa, desprezando a cultura popular e demarcando linhas bem definidas para o projeto de civilização da elite paraguaia.

As normatizações do comportamento e dos papéis sociais destinados às mulheres criam um imaginário sobre estas, que excluía a população pobre. Para as integrantes das elites era possível cumprir com as expectativas de comportamento, mas as mulheres pobres, pressionadas pelas condições de vida, pela necessidade de trabalho e de sobrevivência, acabavam rompendo totalmente com o padrão hegemônico que determinavam quais seriam as atividades e aptidões naturais femininas.

A população, em geral, tentava retornar à Capital, o que piorou as precárias condições de vida já debilitadas desde o início

17 FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

18 Na reestruturação do pós-Guerra é necessário levar em conta não só as sequelas causadas pela Guerra, mas determinadas estruturas sociais e políticas do período, entre as quais a maneira como os paraguaios viviam e concebiam a relação com o trabalho e a produção; as relações de poder e propriedade diante do Estado; o caráter que através de séculos haviam adquirido a instituição familiar e o peso da religião na sociedade. RIVAROLA, Milda. **Obreros, utopias, & revoluciones**. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal, 1870-1931. Asunción: Centro de Documentacion y Estudios, 1993. p. 23.

da Guerra. No periódico **La Regeneración** encontramos um registro sobre as mulheres *residentas* que regressavam à Capital no final de 1869:

Ninguno hasta hoy de todos los que escriben en La Regeneración ha tenido la deferencia de ocuparse de las familias, de las pobres y desgraciadas familias que hace más de cinco meses han empezado a llegar de su larga peregrinación por los bosques, las sierras y los montes (...) ¿Quién al pasar delante de una de esas desgraciadas no ha sentido el horror y la compasión al mismo tiempo? (...) ¿Quién, en fin, no posee un débil sentimiento hacia la infeliz mujer paraguaya que cubierta con los harapos de la miseria, tendida en el duro suelo, ostenta en sus frentes cubierta por las amarguras un algo de misterioso y sombrío semejante a la momia de Egipto al cadáver viviente? (...).¹⁹

Identificadas com “*la momia de Egipto*”, as mulheres descritas revelam um cenário desolador e reforçam a situação de penúria que viviam. Mais adiante, o jornal informou que essa situação ocorria tanto na cidade como no interior, atingindo as crianças e as mulheres:

Pálida y flaca el rostro de la virgen, se ha marchitado su belleza en la flor de sus días. El anciano y la anciana al borde del sepulcro. El niño desecado. Se contemplan en sus rostros las tristes sombras de su corazón. ¡Todo es anarquía en aquellas almas donde ha rebotado tanta hiel, tanta amargura! ¡Pobres víctimas! (...) ¡Y hasta han perdido la sensibilidad, - porque la tiranía ha tenido sobre ellas más poder que Dios! Tal el doloroso espectáculo que se presencia en la campaña y hasta en la ciudad, donde es horroroso ver que todavía hoy, mueren de hambre tantas infelices.²⁰

Desse modo, o governo, através da imprensa, solicitava que as famílias retornassem à campanha, pois lá, segundo constava, teriam mais comodidade e abundância de produtos do que na Capital. O Estado tinha interesse que as famílias logo regressassem a seus Departamentos, evitando a aglomeração nas

¹⁹ **La Regeneración** de 2 de dezembro de 1869. n. 24. ano 1. p. 4.

²⁰ **Idem.**

ruas da Assunção. Entretanto, a insegurança era um problema constante no interior e necessitava de uma polícia ativa e enérgica para evitar os roubos e saques pela campanha: “(...) *Ellos roban sin ningún escrúpulo y no habiendo hombres suficientes para contenerlos, las pobres mujeres se ven sin cesar expuestas al pillaje*”.²¹

Em agosto de 1871, o governo lança um Decreto que estabelecia algumas normatizações sobre a importância do trabalho, sobretudo do trabalho agrícola. O Decreto buscava um maior comprometimento e rigor por parte dos homens nas atividades nos campos, evitando que vagassem pelas ruas cometendo badernas e furtos. Registrado no **El Pueblo**, estabelecia o referido Decreto:

Considerando: que el actual atraso de nuestra campaña es debido en gran parte á la apatía o indolencia de muchos de sus habitantes qué, olvidando su dignidad y sus deberes de hombres y de ciudadanos, viven en la mayor holganza, obligando á sus esposas, hermanas y parientes á trabajar en labores impropios de su sexo, corrompiendo así las costumbres públicas y aprovechando con el mayor cinismo el sudor de esas débiles mujeres, para satisfacer sus vicios, hijos de tan perniciosa ociosidad, y que además esos mismos individuos son autores de casi todos los robos y raterías que se cometen en los Departamentos.²²

Embora os jornais ressaltassem a sobrecarga e a importância do trabalho da mulher na sociedade, essas determinações tinham como principal objetivo assegurar o abastecimento de alimentos no país e garantir o controle da produção, mantendo a população produtiva no campo, pois, assim, o governo passaria a ter controle sobre os produtos plantados e vendidos.

O modelo liberal impunha padrões bastante rígidos com relação à moralidade. A prostituição e a mendicância, por exemplo, eram considerados como problemas graves para o governo e desconexos com a nova ordem.²³ **La Regeneración** alertava, entre os tantos problemas, sobre a prostituição; era preciso

21 **La Regeneración** de 17 de dezembro de 1869 n. 30. ano 1. p. 2.

22 **El Pueblo** de 5 de agosto de 1871. n. 214. ano 2. p. 2.

23 FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 87.

que a polícia acabasse com seus focos e identificasse suas causas, tratando de fiscalizar com severidade os bailes que ocorriam à noite em vários pontos da cidade, pois *“la prostitución, que es una de las gangrenas que corroen las sociedades tomará tan considerable cuerpo y acarreará tantos males que probablemente será imposible soportar por más tiempo los continuos escándalos que se repiten”*.²⁴

Na imprensa, uma das formas de tratar da prostituição feminina era associá-la com a marginalidade e o atentado à moral e mostrar, ao mesmo tempo, os perigos e infortúnios oriundos do contato com essas mulheres. Segundo Magareth Rago, o conceito de prostituição foi criado no século XIX por uma referência médico-policial como um fenômeno essencialmente urbano, que se inscreve numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, com a presença de todo um sistema de codificações morais, que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade e a fidelidade feminina.²⁵ Esse conceito, impregnado de conotações moralistas e associado a imagens de sujeira e desmoralização funcionava como um indicador da forma como o mundo da prostituição também foi concebido pela sociedade paraguaia após a Guerra.

La Regeneración mostrava constantemente a situação de Assunção e entendia que o governo deveria atuar contra os escândalos públicos envolvendo as mulheres das classes mais pobres.²⁶ No tocante a esses problemas, a imprensa se encarregou de denunciar a seguinte situação:

Llamamos la atención de la Municipalidad sobre el escándalo que se presencia no solo en el Mercado sino en todo punto donde hay reunión

24 **La Regeneración** de 09 de fevereiro de 1870. n. 53. ano 2. p. 2.

25 RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 23.

26 A moralidade oficial estava deslocada da realidade da mulher popular; as condições sociais fizeram com que ela se dedicasse ao trabalho fora do lar e, assim, corresse o risco de ser tachada de mulher pública, recebendo uma série de difamações moralistas. FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 516.

de mujeres, escándalo que consiste en la inmoralidad de los hombres sin pudor, que creen lícito saborear el amor en los lugares públicos (...) hombres sin pudor que más se parecen a bestias y no a seres racionales, se les halla en los corredores de las iglesias y de las calles, escandalizando atrozmente aun durante el día, por saciar sus brutales pasiones es necesario tomar medidas enérgicas contra estos nuevos sibaritas. La municipalidad debe dar un Edicto ordenado que la policía se muestre intransigente con los que por ebrios ó libidinosos se creen autorizados á hacer lo que les parezca en las calles.²⁷

Enfatizando os perigos presentes nas classes populares, buscava-se eliminar seus vícios, reformulando os padrões de moralidade e os hábitos de sociabilidade, para enquadrá-los nas normas de comportamento impulsionadas pela elite e satisfazer as crescentes exigências necessárias para o seu desenvolvimento. Tudo o que se afastava do ideal de família patriarcal e sexualmente hierarquizada que objetivavam impor, era percebido como uma ameaça para a ordem social.

Tendo como base o atentado ao pudor, a sexualidade tinha seus limites, devendo ser contidos e punidos os excessos. Dessa forma, visando o controle e a disciplina, de um lado, e resguardar a honra das mulheres e os bons costumes, de outro, o Governo Provisório estabeleceu que, *“todo individuo que sea, hallando en sitios públicos cometiendo acciones que ataquen el pudor y la honestidad de la mujer, será multado en 10 patacones ó tres días de prisión a trabajos públicos”*.²⁸

O jornal **El Pueblo** advertia, com a mesma frequência, os problemas da moral pública que afetavam, principalmente, as classes mais baixas. Em diversos artigos de 1871, mencionava as condições sociais da população paraguaia, a imoralidade de homens e mulheres em plena luz do dia e a situação das crianças nuas vagando pelas ruas de Assunção. Segundo o jornal, o progresso dependia de medidas políticas e de uma constante vigilância das autoridades, sendo necessário mover a máquina governamental da época para dar solução aos problemas sociais

27 **La Regeneración** de 12 de dezembro de 1869. n. 28. ano 1. p. 4.

28 **La Regeneración** de 21 de fevereiro de 1870. n. 61. ano 2. p. 3.

que afetavam as classes menos abastadas. Ao adotar uma Constituição liberal e “negar o passado”, a massa popular, de forma lenta, deveria adaptar-se aos “bons costumes” e abandonar “*el laberinto de su ignorancia*”.²⁹ “*El bajo pueblo*”, como referia o jornal, “*sigue adoptando las mismas costumbres*” e seria obrigação das autoridades zelar pela moral, “*porque sin moral en lo que constituye el verdadero pueblo, no puede fundarse con solidez ninguna Nación*”.³⁰

Os atos imorais necessitavam ser corrigidos, de modo que o silêncio das autoridades justificaria esses episódios. A elite, neste aspecto, cumpria uma missão que lhe era específica como porta-voz de valores universais e globalizantes, a “missão civilizadora”. Mesmo com a indiferença em observar os costumes da população, entendiam que muitos viveriam e morreriam nessa condição, porém, “*los mismos desgraciados se creerán ese convencimiento, y ahí esa parte de pueblo excluida de la sociedad moral, condenada a vivir en la miseria en el ostracismo de las buenas costumbres, pero presentándose á los ojos del extranjero con toda la repugnante asquerosidad de sus usos viciosos*”.³¹

A frequente utilização de expressões como a “moral” e os “bons costumes”, no vocabulário jornalístico da época, como demonstração de uma visão organicista da sociedade, procuravam oferecer uma versão higienizada da Capital paraguaia, de forma a considerar as áreas de perigos como focos eminentes de promiscuidade. É nesse caminhar que intelectuais vão analisando o discurso e as práticas médicas que, aos poucos, vão sendo assumidas como políticas públicas sanitárias, visando uma mudança nos costumes sociais e nas condutas familiares, e que tentavam conduzir para melhores atitudes físicas, sociais, higiênicas e sexuais.³²

É nítido o propósito de atribuir a esses atos, além do caráter

29 **El Pueblo** de 15 de junho de 1871. n. 168. ano 2. p. 1.

30 **Idem.**

31 **Idem.**

32 COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989; URTEAGA, Luis. Miseria, miasmas y microbios. Las topografías medicas y el estudio del medio ambiente en el siglo XIX. **Geocrítica, Cuadernos Críticos de Geografía Humana**, n. 29, 1980.

atrasado, bárbaro, o de depravação e obscenidade, de insulto à moral, excessivamente praticados com voluptuosidade no espaço público, que estimularia, aos olhos da imprensa, “*paixões viciosas*”. Os redatores do **El Pueblo** publicaram artigo intitulado “*La desnudez*”, na tentativa de corrigir um costume da população camponesa que agora passara a viver na Capital, pois seria conveniente adotar uma nova postura, mesmo reconhecendo que era um hábito andar sem camisa, contudo “*eso no es por miséria sino por una escandalosa costumbre. Muchos tienen su camisa debajo del brazo, y se revuelcan en la arena ostentando su repugnante desnudez*”.³³

A construção de uma sociedade disciplinar impôs uma nova configuração ao sistema e às instituições, que se reordenaram em presença de mecanismos sistemáticos de vigilância e estratégias de controle. Nesse momento, valorizam-se novas regras com relação ao corpo, ao modo de assegurar seu adestramento, sua docilidade e sua submissão. A promiscuidade não era tolerada pelos grupos que assumem o poder no pós-Guerra e consideravam tais manifestações retrógradas, incompatíveis com a nova fase que ingressava o país.

Em outro artigo, **La Regeneración** pediu “*mas moralidad*” por parte da população. Caso não houvesse uma solução imediata, o jornal avalia que as questões que envolvam escândalos públicos deveriam ser solucionadas pela polícia. Homens e mulheres, em plena luz do dia, estariam a “*infestar los lugares públicos que sirven de paseo á la población*”. Na argumentação do jornal, “*esto traerá la corrupción completa de las familias y crear nuevos focos de infección que solo podrán traernos epidemias*”.³⁴

As medidas, de alguma forma, tentavam inserir a cidade de Assunção nos rumos do progresso, mesmo que isso implicasse na criação de inúmeros mecanismos de repressão e controle da vida mundana, restringindo, assim, a liberdade individual. O alvo principal era as camadas populares, que se avolumavam de forma bastante desordenada no centro da cidade. A rigor, as próprias necessidades do capitalismo conduziam a um processo

33 **El Pueblo** de 6 de junho de 1871. n. 161. ano 2. p. 2.

34 **La Regeneración** de 17 de dezembro de 1869 n. 30. ano 1. p. 2.

de organização do espaço público que parecia particularmente perigoso, atentatório aos padrões morais da família burguesa e ameaçador aos bons costumes. Os hábitos torpes e desregrados das camadas populares dificultavam, aos olhos das elites, o tão esperado ingresso nesta modernidade.

A cobrança de um novo comportamento para as mulheres do povo, através da repressão do corpo, está relacionada a um processo ligado ao gênero. Embora a normatização dos corpos e comportamentos atinja homens e mulheres, como refere Ana Paula Vosne Martins, as mulheres são *“os principais alvos-objetos de diferentes tipos de discursos que, à sua maneira e com formas de expressão fundamentalmente visuais, procuram ‘enquadrar’ as mulheres, transformando-as, na sua corporalidade e subjetividade, em mulheres ‘normais’”*.³⁵

Certos locais eram observados como áreas perigosas, propícios à proliferação de doenças e de maus hábitos. O Mercado Central da Capital era um local insalubre, representado como um ambiente de perigo pela falta de elementos necessários à saúde e à moral. Era um espaço no qual se agrupava um grande número de pessoas, reunia os excluídos e, desse modo, era preciso focalizar a atenção nessas classes: *“Hoy es un foco mas inmundo donde viven según se nos dice más de 400 mujeres entre la podredumbre y la infección, haciendo imposible el transito por las cuatro calles que lo rodean. Hace poco se encontró un hombre ahorcado en estado de putrefacción en ese lugar inmenso.”*³⁶

O ataque ao modo de vida popular passa a incidir diretamente sobre os espaços de sociabilidade popular: a rua.³⁷ O Mercado Central foi marcado pela constante presença da população mais pobre; as mulheres que ali permaneciam dormiam pelos corredores sobre trapos, juntamente com mendigos, doentes e prostitutas. Isso gerava preocupação, uma vez que era o primeiro

35 MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 12.

36 **La Regeneración** de 23 de janeiro de 1870. n. 46. ano 2. p. 1.

37 PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Imagens da cidade**. Séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 31.

local que os estrangeiros se deparavam ao desembarcarem do Porto de Assunção.

Tentando resguardar a moral e os bons costumes, a diligência local em consonância com o projeto moralista considerava necessário construir uma cidade sob disciplina e controle social da população. Essa intervenção do Estado se transformou em disciplinamento quando sua ação se relacionou ao ordenamento de determinados espaços da cidade. As representações negativas das cidades - vista como um ambiente perigoso do ponto de vista sanitário, social, moral e político -, que se difundem no século XIX, vão recorrer com frequência a analogias médicas para definir os problemas atribuídos à cidade - suas “doenças” e “taras” - e explicar como devem ser investigados, prevenidos e diagnosticados os “remédios” e “cirurgias” desse espaço doentio.³⁸

As analogias entre o corpo e a cidade encontravam respaldo na ideia de que o bom funcionamento de um, dependia o bom funcionamento do outro; a sujeira da rua revelava a falta de higiene do habitante da cidade, sobretudo das populações pobres. Desse modo, a falta de higiene e de saúde era associada a desregramentos e a comportamentos desviantes. Como ponto crucial ao bom funcionamento do organismo urbano e dos organismos de seus habitantes, a saúde e a circulação se articulavam como questões básicas na problematização das cidades.

A reorganização e higienização de Assunção fizeram com que o Estado, através da imprensa, atuasse junto à população pobre, combatendo a prostituição, os escândalos que afetavam a moral pública, as formas de vadiagem e a implantação de doutrinas voltadas, em especial, para a disciplina no trabalho. As famílias da elite sentiam-se afrontadas pelos modos acintosos das camadas populares em áreas públicas. A prostituição, neste caso, extrapolava os limites do privado e atingia a rua, espaço público que carecia a ordenação do poder do Estado.

Para a população pobre, vitimados pela Guerra, muitos eram os obstáculos a serem ultrapassados; destacava-se como

38 GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001. p. 236.

modelo de comportamento desviante, por apresentarem o maior risco para a empreitada civilizatória da Capital guarani. Daí resulta a razão de ser desses discursos da imprensa, à medida que instauram novas regras de vivências que definem padrões de condutas extremamente rígidos. Para a elite local era preciso mudar aqueles indivíduos com condutas imorais no sentido de que se removessem os defeitos raciais, as tradições culturais, os comportamentos e hábitos deletérios, incompatíveis com a reorganização da sociedade.

A política paraguaia foi marcada pelo esforço das elites na organização do Estado e pelas discussões acerca das condições do país vir a se tornar uma Nação moderna, devido particularmente ao que era representado como as peculiaridades de constituição de sua população: mestiça, pobre, ignorante e indolente. A *regeneración* paraguaia atingia todos os setores da sociedade. Para a elite, o princípio de modernidade era o objetivo a ser alcançado; para a classe pobre era preciso inicialmente reduzir os níveis de pobreza e de imoralidade para quem sabe atingir níveis de um país civilizado e desenvolvido.

A tentativa de saída para a crise demográfica que se abatera após o final da Guerra significou o reforço das fronteiras de gênero com o enaltecimento da maternidade sacrificial, bem como a exclusão das mulheres do espaço público. Desse modo os discursos tentavam disciplinar e enquadrar as mulheres de acordo com as conveniências sociais ditadas pela elite paraguaia, segundo os padrões da época e de acordo com as influências vindas da Europa principalmente, definindo regras de comportamento para as mulheres. Esses discursos, do ponto de vista das relações de gênero, tentavam construir uma nova imagem das mulheres paraguaias, pautada na caridade, na elegância e na família patriarcal, com hábitos e comportamentos exemplares, adstritas a espaços pré-determinados.

Referências bibliográficas

- ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Residentas, destinadas e traidoras*. Asunción: RP Ediciones Criterio, 1991.
- CAPDEVILA, Luc. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.13, n.1, 2005. pp. 81-102.
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865-70*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1980.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989.
- DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra*. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: S/Editora., 1925.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MELIÁ, Bartomeu. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madri: MAPFRE, 1992.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- MELLO, Francisco Ignácio Homem de. Viagem ao Paraguai. In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil*, v. 36, 1873.
- MUNIZ, Diva Cuto Gontijo. Gênero e educação: corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generizadas. *História e Memória da Educação Brasileira*. Natal: UEPB, 2002.

ORTOLAN, Fernando Lóris. *Sob o olhar da imprensa e dos viajantes*. Mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai. 1864-1870. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, 2004.

_____. *Dócil, elegante e caridosa*. Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, 2010.

PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Imagens da cidade*. Séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994.

POTTHAST, Barbara. Hogares dirigidos por mujeres e hijos naturales. Familia y estructuras domésticas en el Paraguay del siglo XIX. In: CICERCHIA, Ricardo. *Formas familiares, procesos históricos y cambio social en América Latina*. Quito: Abya - Yala, 1998.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. .

RIVAROLA, Milda. *Obreros, utopias, & revoluciones*. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal, 1870-1931. Asunción: Centro de Documentacion y Estudios, 1993.

SALLES, Ricardo. Memórias de Guerra: Guerra do Paraguai e narrativa nacional. In: *História*. São Paulo, n. 16, 1997.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. O triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente (O século XX)*. Vol. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995.

URTEAGA, Luis. Miseria, miasmas y microbios. Las topografías medicas y el estudio del medio ambiente en el siglo XIX. *Geocritica*, Cuadernos Criticos de Geografia Humana, n. 29, 1980.